

## AS VARIANTES DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

Vanessa Lima Vidal Machado\*  
Markus Johannes Weininger\*\*

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo analisar o fenômeno da variação linguística no uso dos sinais da Libras<sup>1</sup> dos atores-tradutores surdos, retirados de materiais de aulas *on-line* do curso de Letras-Libras da UFSC, focando na variação querológica de sinais em um contexto supostamente formal (videoaula) comparando com vídeos dos mesmos tradutores, retirados no Youtube. Na metodologia de trabalho, partimos da problemática da variação linguística na prática de tradução. A análise se deu no material com enfoque na variação linguística na Libras de um mesmo sinalizante em situações diferentes: formal e informal. Nos vídeos do Youtube, a forma de sinalização poderia ou deveria ser informal e nos DVDs das videoaulas, mais formal. Constatamos que, em um contexto formal, a sinalização era ora formal, ora informal em alguns momentos. A variação querológica no processo de tradução não permite uma padronização linguística. Como resultado da pesquisa e das discussões propostas neste trabalho, acreditamos que o sinalizante não percebe essa informalidade em sua sinalização. Formulamos algumas hipóteses para tal fato que podem ser divididas entre presença de idioleto, simplificação da estrutura querológica (economia) e mudança de registro (formal / informal). Esta pesquisa traz como contribuições o entendimento de que a Libras possui variação linguística sincrônica considerável que, de início, pode ser confusa e dificultar entendimento para aprendizes dessa língua, além disso, tais reflexões podem servir de base para o desenvolvimento de outras pesquisas na área.

**Palavras-chave:** Tradução, Variação Querológica, Sociolinguística, Letras Libras.

**Abstract:** This paper aims to analyze some types of linguistic variation in the use of Brazilian sign language by deaf actor-translators taken from online class materials from the Language Arts - Brazilian Sign Language undergraduate course at UFSC (the Federal University of Santa Catarina), focusing on the chorological variation of signs in a supposedly formal context (a video class) by comparing them with videos by the same translators on YouTube. In the research methodology, we set out with the problem of linguistic variation in translational practice. The analysis of the material was carried out with an emphasis in linguistic variation in Brazilian Sign Language performed by one and the same signer in different situations: formal and informal. On YouTube videos, signing could or should be informal, whereas on DVD classes, it could or should be more formal. We verified that, in a formal context, signing was sometimes formal, sometimes informal. Cherological variation in the translational process does not allow linguistic standardization. As a result of the

---

\* Professora assistente de Libras na Universidade Federal do Ceará (UFC), mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: [vanylv@gmail.com](mailto:vanylv@gmail.com)

\*\* Professor Adjunto da Universidade Federal do Santa Catarina (UFSC) e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (UFSC). E-mail: [mjweininger@gmail.com](mailto:mjweininger@gmail.com)

<sup>1</sup> Língua Brasileira de Sinais

research and the discussions prompted by this study, we believe that the signer does not notice such informality in his signing. We formulated some hypotheses to account for such fact that can be divided into the presence of an idiolect, simplification of the cherological structure (economy) and change of register (formal/informal). This research makes some contributions to the understanding that Brazilian Sign Language has a considerable synchronic linguistic variation that, at first, may be confusing and hinder understanding for its learners. Furthermore, these hypotheses may well be the basis for the development of other studies in the area.

**Keyword:** Translation, Variation, Sociolinguistics, Brazilian Sign Language

## INTRODUÇÃO

A Constituição Federal de 1988, além de representar um marco para a democracia no Brasil, estabelece como língua oficial, a língua portuguesa. Apenas a partir do ano de 2002, a Língua Brasileira de Sinais, LIBRAS, foi oficialmente reconhecida e aceita como segunda língua oficial brasileira, através da promulgação da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Essa data é, portanto, significativa para as pesquisas sobre a Libras no Brasil, que se intensificaram com o reconhecimento oficial da língua. A partir daí, observa-se um crescente avanço no alcance e no uso da Libras, a língua da comunidade surda brasileira. Essa ampliação deve-se, em grande parte, às políticas adotadas a nível federal, voltadas à disseminação da Libras, bem como à sua oficialização.

Tais políticas, mesmo diante de tantos obstáculos de comunicação e dificuldades a serem superadas, conseguiram atingir não só os surdos brasileiros, mas também pessoas ouvintes que passaram a ter interesse em fazer uso dessa língua a fim de interagir com os surdos. Em virtude disso, familiares e educadores de surdos, amigos, colegas, bem como os profissionais Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (os chamados TILS), proporcionaram a ampla difusão do conhecimento e uso da Libras em diferentes espaços e contextos.

Conjuntamente, esses fatores impulsionaram uma ampliação quantitativa, qualitativa e descritiva dos sinais em uso, a qual é observável na comunicação entre os próprios surdos e na sinalização cada vez mais especializada com termos técnicos das mais variadas áreas de conhecimento. Esse repertório lexicográfico vem crescendo, entre outros fatores, em virtude do acesso de surdos à graduação e pós-graduação.

Depois da oficialização da Libras, foi implantado o curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), primeiro na modalidade à distância, e mais tarde também na modalidade presencial. Esse curso teve um papel pioneiro levando várias universidades a seguirem

o mesmo caminho ao longo da década de 2006 a 2016, como é o caso, por exemplo, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Com o surgimento do Curso de Letras Libras da UFSC, a atividade de atores-tradutores da Língua de Sinais (QUADROS, 2008; AVELAR, 2009; SOUZA, 2010) impulsionou a carreira de tradução no Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem – AVEA, sendo desenvolvidas Normas Surdas de Tradução – *Deaf Translation Norm* (STONE, 2009, *apud* SOUZA, 2010) em nível acadêmico, sendo as atividades de tradução desempenhadas quase que exclusivamente por atores-tradutores surdos bilíngues para o AVEA e para os DVDs do curso.

O processo ocorrido na UFSC possibilitou avançar os estudos em relação à presença de atores-tradutores surdos como agentes que podem propiciar uma visão tradutória sobre um determinado texto, juntamente às equipes de tradução, as discussões sobre repertório linguístico, neologismos, convenção de sinais, escolhas léxicas, entre outras questões, que moldavam a atuação do profissional para que esse tradutor pudesse fazer sua atuação frente às câmeras. Stone (2009, *apud* SOUZA, 2010) definiu esse processo como “*performance* de tradução”, ou seja, um tipo de tradução possível de acontecer diante de câmeras de TV.

Com relação à variação linguística, neste trabalho, utilizou-se, como parâmetro, os pressupostos teóricos de Labov (1972), que fez pesquisas sociolinguísticas em diferentes comunidades de fala e observou as suas variações. Seus estudos são muito importantes, pois ele estudou a língua em seu contexto social, com situações concretas e utilizou parâmetros para classificar os tipos de variações. Com base nisso, a visão de língua que a sociolinguística propõe é heterogênea e dinâmica.

A partir dessas considerações, selecionaram-se, como materiais de análise, vídeos de acesso público, em Libras, gravados por tradutores surdos, presentes no ambiente virtual de aprendizagem dos cursos de Letras Libras da modalidade presencial e a distância da UFSC. Nesses materiais, buscou-se observar a ocorrência formal na execução dos sinais analisados, ou seja, em um ambiente de alto grau de monitoramento por parte do sinalizante.

Para a análise dos sinais investigados, a pesquisa foi realizada em três fases. A primeira, quantificando os sinais dos vídeos analisados, os materiais traduzidos do Curso de Letras Libras, avaliando e comparando com os vídeos do Youtube.

O segundo momento consistiu na avaliação qualitativa desses sinais, analisando-se a variação querológica em condições social e cultural diversas, comparando as videoaulas do curso de Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n.7, p.41-65, 2018.

Letras Libras com os vídeos do Youtube, verificando diferenças intrassubjetivas (intrapessoais) e analisando os mesmos sujeitos atores-tradutores nesses dois contextos.

A terceira fase é a análise descritiva dos queremas e das características dos parâmetros linguísticos da Libras, divididos em categorias de variação linguística, com o intuito de levantar hipóteses sobre o uso concreto da variação, contribuindo, assim, para a análise do sistema querológico da língua de sinais e para a descrição dos aspectos do processo de variação linguística existente na Libras.

Embora, tendo afirmado que essas variações são relativas aos parâmetros constitutivos dos sinais (configuração de mão, movimento, localização, orientação da palma e aspectos não manuais), não se limita à análise da variação querológica, porque não há equivalência total entre nível linguístico fonológico e os parâmetros constitutivos das línguas de sinais. Mas há certamente uma relação entre eles, conforme será exposto ao longo deste artigo.

## **1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA**

### **1.1. Sujeito surdo e constituição de identidade**

A Língua Brasileira de Sinais vem, desde o final dos anos 1980, construindo uma trajetória de fortalecimento e de conquista de espaços onde antes a presença da Libras e dos surdos nem mesmo podia ser imaginada. Esse fato decorre, principalmente, da ampliação da produção de pesquisas na área da linguística voltada à compreensão dessa língua, assim como também pela conquista de importantes avanços pela comunidade surda no que tange às questões de direito, sendo a oficialização da Libras como segunda língua nacional no Brasil uma das principais vitórias dos movimentos surdos.

Nessa perspectiva, a oficialização da língua de uma comunidade minoritária, como a surda, é uma importante forma de reconhecimento e de empoderamento de culturas que, historicamente, foram estigmatizadas como menos válidas ou menos capazes de expressar toda a gama de informação nelas presente.

A partir de mudanças substanciais na forma de perceber e de compreender o sujeito surdo e sua diferença, a qual parte das experiências visuais que ele estabelece com o mundo e com o outro, percebe-se uma crescente ampliação do uso da Libras nos diferentes espaços nos quais os surdos transitam.

O reconhecimento do *status* linguístico da Libras ocasionou a disseminação dessa língua nos mais variados contextos, ampliando também a quantidade de sinais utilizados e gerando uma maior variação na realização desses sinais. Essa é uma implicação esperada, pois quanto mais viva e em uso uma língua se encontra, mais probabilidade de mudanças e novas formas de uso ela apresenta.

No que tange às Línguas de Sinais, como é perceptível no caso do uso da Libras, ainda há uma grande carência de aprofundamento de pesquisas e estudos capazes de identificar os fenômenos linguísticos que essa língua apresenta, uma vez que seu reconhecimento social e uso são bastante recentes. Esse aspecto é uma das razões pelas quais esta pesquisa é relevante, posto que o aprofundamento das reflexões acerca do tema central desta análise permitirá descrever e sistematizar o fenômeno de variação linguística na Libras (especificar - Libras brasileira), bem como mapear os sinais em uso nessa língua, servindo como referência para outros estudos dessa mesma área.

Ademais, observa-se, atualmente, a crescente participação dos surdos nos mais diversos espaços escolares e acadêmicos, tanto na condição de alunos quanto de professores, com a participação ativa das pessoas surdas nos diferentes espaços e setores sociais.

## **1.2. A comunidade surda no Brasil e a constituição da língua brasileira de sinais – LIBRAS**

Com as conquistas dos movimentos da Comunidade Surda, iniciam-se as possibilidades de os surdos ingressarem nas universidades. Junto a essa conquista, faz-se necessária a presença de Tradutores-Intérpretes de Língua de Sinais (TILS). Esses profissionais são regulamentados nas instituições educacionais via Decreto nº 5.626/05, que regulamenta a Lei nº 10.436. A lei é conhecida como Lei da Libras por tratar da oficialização dessa língua em âmbito nacional. Com tantas atribuições e o aumento da visibilidade da Libras, a legislação nacional vem acompanhando as demandas surdas na publicação de mecanismos legais para a efetivação de direitos, tais como a Lei nº 12.319/10, que regulamenta a profissão dos TILS.

Com a Lei da Libras, a situação dos surdos brasileiros toma um cenário diferente tanto no campo político, quanto no campo da identidade do sujeito surdo. Na esfera política, criam-se mecanismos para que as reivindicações surdas possam ser atendidas. Há, portanto, um dispositivo

que permite que a Libras possa estar presente no debate da acessibilidade e da educação, entre outras esferas. No campo identitário, torna-se visível o fortalecimento das comunidades surdas, seus espaços, suas posições enquanto sujeitos donos de suas histórias e orgulhosos de sua língua. A cultura surda toma força e se inicia um campo de pesquisas acadêmicas em volta do sujeito surdo e da sua língua.

A Libras é uma língua de modalidade gestual-visual, porque utiliza movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão, diferentemente da Língua Portuguesa, que é uma língua oral-auditiva por utilizar sons articulados percebidos pelos ouvidos. Todavia, as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua. Uma semelhança entre as línguas, visuais (como a Libras) e orais (como o Português), é que todas são estruturadas a partir de unidades mínimas que formam unidades mais complexas. Elas possuem os seguintes níveis linguísticos: o fonológico<sup>2</sup>, o morfológico, o sintático, o semântico e o pragmático (FELIPE, 1997). Corroborando com esse entendimento sobre a estrutura da Língua de Sinais, Brito (1998) afirma que a Libras possui pontos específicos de constituição, mas que também segue princípios básicos gerais:

A LIBRAS é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico (o conjunto das palavras da língua) que se estruturam a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam especificidade, mas seguem também princípios básicos gerais. Estes são usados na geração de estruturas linguísticas de forma produtiva, possibilitando a produção de um número infinito de construções a partir de um número finito de regras. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais, codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS, e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais. Estes princípios regem também o uso adequado das estruturas linguísticas da LIBRAS, isto é, permitem aos seus usuários usar estruturas nos diferentes contextos que se lhes apresentam de forma a corresponder às diversas funções linguísticas que emergem da interação do dia a dia e dos outros tipos de uso da língua (BRITO, 1998, p. 11).

Ao se atribuir às línguas de sinais o *status* de língua, embora sendo de modalidade diferente das línguas orais, entende-se que ela possui também essas características em relação às diferenças regionais, socioculturais, entre outras, e em relação às suas estruturas que também são compostas pelos níveis descritos acima (FELIPE, 1997).

Stokoe (1960), inicialmente, trabalha com a morfologia da língua de sinais, encontrando em seus estudos a regularidade de certos aspectos. Durante a produção dos usuários das línguas de

---

<sup>2</sup> Este trabalho adota o uso do termo Querológico para se referir a línguas de sinais. “Fonológico” em relação à língua de sinais é apenas usado onde os autores citados usam esse conceito, como é o caso de FELIPE (1997).  
Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n.7, p.41-65, 2018.

sinais, ele registrou três parâmetros: configuração de mão, movimento e locação, esses são os parâmetros primários. Battison (1974) foi precursor de mais dois parâmetros: orientação/direção da mão e expressão facial e corporal, que foram adicionados aos estudos (KARNOPP, 2004). Stokoe traça também os parâmetros da Libras, dando assim início aos estudos linguísticos da língua de sinais brasileira. Esses parâmetros fazem parte do sistema linguístico da Libras, sendo que cada um pode ser aplicado para formação dos sinais. Assim, como os parâmetros são essenciais para a estruturação dos sinais, a mudança no uso de um parâmetro pode alterar o sentido do sinal em que ocorre ou não, e também pode levar à mudança de um sinal para outro.

A maneira pela qual a Libras se articula, pela combinação de parâmetros, que obedece a uma lógica visual da imagem, característico da cultura surda, segundo Strobel (2008), a Libras representa a existência de um jeito próprio com que o sujeito surdo entende o mundo e assim o modifica, tornando-o acessível e habitável e ajustando-o às suas percepções visuais. Essa correlação contribui muito para a compreensão das múltiplas identidades surdas, bem como para a compreensão de que as formas de expressão linguística dos surdos devem ser vistas a partir de uma ótica visual, desconectada dos padrões orais que historicamente são impostos aos surdos.

Todas as questões referentes às terminologias empregadas nos estudos linguísticos da língua de sinais derivam de um processo histórico que não deve ser desconsiderado. Surgem de vários fatores históricos e culturais que agem diretamente na língua de sinais e na sua forma de produção, tornando-a expressivamente variável, há ainda as questões subjetivas pertinentes a cada sujeito, já que a forma de sinalização pode se alterar conforme a perspectiva do sinalizante. Nesse sentido, cada cultura dentro da sua experiência e vivência tem uma percepção individual de um dado objeto/material, não sendo possível a criação da mesma imagem visual de forma universal.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Para realizar a análise da língua de sinais, é necessário adaptar teorias descritivas desenvolvidas para a análise de línguas orais. Em alguns momentos, as teorias criadas para explicar o funcionamento de línguas orais não vão conseguir explicar de forma satisfatória fenômenos da língua de sinais, ou, ainda, nem permitem abordar estes fenômenos. Em outros momentos, essas teorias se aplicam de forma muito parecida às línguas de sinais. Porém, convêm utilizá-las com bastante cuidado. Apenas a título de ilustração, pode-se mencionar aqui uma diferença fundamental entre o modo como os enunciados são articulados nas línguas orais e nas línguas de sinais: as

línguas de sinais apresentam a possibilidade de ter seus enunciados produzidos por vários articuladores ativos (duas mãos, rosto, corpo), enquanto as línguas orais não.

Dentro de uma análise linguística, a língua de sinais é estruturada por parâmetros visuais, divergindo, em algumas funções, das línguas de modalidade oral. As línguas orais são fonoarticulatórias, em nível fonêmico possuem uma articulação para a pronúncia de cada som. Essa articulação equivale às formas como a mão se articula para a produção de cada sinal. Trazer as discussões apresentadas por Stokoe (querologia) e Labov (sociolinguística variacionista) permite refletir sobre as equivalências e diferenças entre as modalidades das línguas orais e de sinais. Isso mostra uma visão que considera a Língua de Sinais como língua de sistema próprio que deve ter seu espaço teórico preservado sem a necessidade de adotar, em todos os casos, os conceitos trazidos pelas análises das línguas orais.

### **2.1. Estudos Linguísticos das Línguas de Sinais: Querologia**

Querologia é a ciência que estuda as mãos, expressões faciais e corporais, utilizadas com a função de promover a comunicação no sistema linguístico das línguas de sinais, permitindo a transmissão da mensagem. O linguista norte-americano William Stokoe, estudioso das línguas de sinais, propõe uma terminologia para o estudo do nível querológico das línguas de sinais, em “Sign Language Structure”, de 1960, publicação que marca o início do reconhecimento do *status* linguístico das línguas de sinais. Suas descobertas influenciam consideravelmente os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais até os dias atuais. O conceito de língua adotado aqui é aquele descrito por Saussure (2006).

[...] língua não se confunde com linguagem: é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 2006, p. 17).

Em nível fonológico, as línguas orais representam os fonemas de uma língua, concretizados pela articulação dos sons da fala, diferente da fonética que descreve a pronúncia e articulação dos sons da língua entre os diferentes falantes. A fonologia organiza a estrutura abstrata dos sons da língua, desta forma, Fonologia e Querologia representam o emprego da articulação dos signos auditivos e visuais. Assim, Querologia é a ciência que trata da organização abstrata dos movimentos e posicionamentos das mãos nas línguas de sinais.

Ainda hoje se empregam os conceitos de fonética e fonologia nos estudos de Línguas de Sinais, para se evidenciar seu *status* linguístico por meio de “equivalências” com os estudos de línguas orais. Assim, ao falar sobre a língua de sinais, embora esta não se manifeste por meio dos sons, para Stokoe<sup>3</sup>, pode-se falar de variação fonológica.

William Stokoe propôs o termo “querema”<sup>4</sup> segmento mínimo sinalizado para as unidades formadoras dos sinais. Esses segmentos são a configuração de mãos, a locação e o movimento; e aos estudos de suas combinações propôs o termo querologia (do grego, mão)<sup>5</sup>.

Stokoe (2005; 1960) percebeu que os sinais possuem diferentes critérios, descreveu os queremas de acordo com a configuração, a localização e o movimento das mãos, preocupando-se com os pontos de articulação. Pode-se acrescentar ainda à descrição dos queremas, a característica da orientação da palma das mãos, completando, assim o quadro do sistema querológico das línguas de sinais.

A configuração diz respeito à forma que as mãos assumem ao realizar determinado sinal. Podem ser o alfabeto manual ou outras feitas com uma mão ou com as duas mãos do emissor. A configuração de mão pode permanecer a mesma durante a realização de um sinal ou mudar. No que diz respeito à localização das mãos, corresponde ao local onde será feito o sinal, tendo como referência o corpo. A localização do sinal é de extrema importância visto que, dependendo disso, o sentido pode mudar totalmente. Os sinais podem ser produzidos na região da cabeça, parte superior do corpo, na parte media, na região do tronco e inferior do corpo. Quanto ao movimento das mãos, pode-se dizer que é fundamental para a realização de diversos sinais. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), para que haja movimento, é preciso haver objeto e espaço. Para as pesquisadoras, na Língua de Sinais, as mãos do sinalizador representam o objeto, enquanto o espaço em que o movimento se realiza é a área em torno do corpo do sinalizador. A orientação das palmas das mãos mostra a direção para onde a palma da mão aponta na execução do sinal: para cima, baixo, dentro, fora, direita, esquerda, o que influencia bastante no entendimento do sinal executado.

Além das quatro questões mencionadas, existem autores como Friedman (1977) e Battison (1974), que incluem ainda as expressões faciais e corporais como mais um aspecto que deve ser levado em consideração para o completo entendimento e para a execução dos sinais. Pode-se fazer

<sup>3</sup> As línguas de sinais são consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem (STOKOE, 2005).

<sup>4</sup> *Chereme*, em inglês.

<sup>5</sup> No presente trabalho usa-se a grafia “querema” e “querologia”, para não se confundir com “quirológia” = arte divinatória das linhas das palmas da mão, derivado da mesma raiz grega. Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n.7, p.41-65, 2018.

uso dos mesmos parâmetros de um sinal para diferentes significados, tendo-se como traço diferenciador a expressão corporal ou facial utilizada naquele contexto.

## **2.2. Uma proposta sobre o conceito de Querética**

Querética é uma terminologia utilizada nesse trabalho e é proposta aos estudiosos das Línguas de Sinais. Stokoe (2005; 1960), em sua pesquisa, utilizou os termos “querologia” e “querema”, mas não trata sobre a Querética (o morfema QUER significa MÃO), daí a necessidade de propor um conceito para completar essa análise da língua de sinais com uma terminologia própria.

A Querética possui um correspondente em línguas orais, a fonética, entretanto, o termo fonética não consegue explicitar fenômenos que são pertinentes e característicos de uma língua de modalidade espacial-visual. A fonética é o estudo que se direciona ao uso de determinados sons fisicamente registrados e identificados, como base da estrutura fonêmica da língua oral, formalizando suas possibilidades na pronúncia. O uso da terminologia direcionada aos sons certamente não é cabível para estudar as articulações das produções visuais em Língua de Sinais devido ao fato de que a língua de sinais usa um universo de unidades visualmente perceptíveis muito maior do que os cerca dos 25 fonemas que cada língua oral em média emprega. A limitação do número de eventos mínimos nas línguas orais gera a necessidade de um sistema combinatório diferente das línguas de sinais para poder gerar as unidades lexicais.

Assim, a Querética seria o ramo da Linguística que se preocupa com as unidades mínimas dos sinais, com a parte significativa do signo linguístico e não com o seu conteúdo ou significado. Trata-se da parte da Linguística que estuda e classifica os elementos mínimos da linguagem articulada (os parâmetros que formam queremas) em sua realização concreta.

Desta forma, as variações queréticas da língua de sinais (análogas às variações fonéticas das línguas orais) estão organizadas em seus parâmetros: Configuração de Mão, Movimento, Ponto de Articulação, Orientação/Direção e Expressão Facial e corporal. Elas assumem no discurso do sinalizador formas mínimas e variáveis que não alteram o significado do sinal, apresentam em certas condições e contextos acentuação de parâmetros.

A formulação do conceito de Querética visa, portanto, abordar a questão da construção de sentidos que ocorre nas Línguas de Sinais, a qual definitivamente não está ligada à perspectiva do som, tanto na audição quanto na emissão de voz. Na Querética, tal como proposto aqui, parte-se da lógica da existência de uma “física da imagem”, ou seja, a reflexão ótica da configuração espacial dos diversos elementos articuladores que é transmitida através da luz, ao invés da informação transportada pelas ondas sonoras no caso das línguas orais. Como a fonética analisa todos os traços isolados que podem ser percebidos pelo ouvido (e a sua produção na fonética articulatória), a querética analisa todos os traços que podem ser distinguidos visualmente. Além disso, assim como assumido para as línguas orais, sabe-se que as Línguas de Sinais evoluem ao longo do tempo, posto que apresentam variações na maneira como essa física da imagem é realizada.

Abordam-se, aqui, as diferentes maneiras de realização das unidades mínimas da Libras, compreendendo, em primeiro plano, que a Querética analisa aos traços que compõem os parâmetros das Línguas de Sinais, ao passo que a Querologia busca analisar as formas como esses se agrupam para formar as unidades mínimas de significado, os queremas e as suas mudanças variacionais apresentadas na execução dos sinais da Libras.

É importante notar que tanto os parâmetros primários, como os secundários e os componentes não manuais podem estar presentes simultaneamente na organização do sinal. O sinal se realiza multidimensionalmente e não linearmente, como acontece, em geral, com as palavras orais, e sua realização necessita da presença simultânea de seus parâmetros. (FERREIRA, 2010, p. 41).

Em outras palavras, Querética se refere aos aspectos físicos de detalhes perceptíveis dentro dos parâmetros, tais como local, configuração de mãos, movimento, mas que não necessariamente criam diferença de significado. Já a querologia se dedica à análise dos elementos que carregam diferença de significado.

### **2.3. Sociolinguística**

A sociolinguística é a parte da linguística que estuda as relações entre língua e sociedade. É o estudo descritivo do comportamento linguístico de uma sociedade e de como ele é determinado pelos fatores linguísticos e extralinguísticos. Leva em consideração a maneira como a língua é usada e seus efeitos na sociedade. Desta forma, “para o indivíduo não é fácil provocar mudanças deliberadas [numa determinada prática institucionalizada]. Se depender exclusivamente dos seus esforços individuais, as possibilidades de êxito num empreendimento desse tipo serão mínimas” Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n.7, p.41-65, 2018.

(BERGER E BERGER, 1977, p. 197). E, ainda, seguindo o pensamento de Uphoff (2008), destaca-se o seguinte:

Como os sociólogos ressaltam, a legitimação costuma ser transmitida como conhecimento socialmente objetivado, que produz “um corpo de verdades universalmente válidas sobre a realidade” e que faz com que “qualquer desvio radical da ordem institucional [tome] caráter de um afastamento da realidade” (UPHOFF, 2008, p. 133).

Assim, a sociolinguística trata do estudo das formas linguísticas utilizadas de acordo com as influências e características do contexto social de uso da língua falada. A variabilidade é uma característica da sociolinguística considerando o momento no qual a sociedade se comunica levando-se em conta o contexto situacional e cultural e a história de uma determinada comunidade de fala. As pessoas de uma comunidade linguística interagem e compartilham conjuntos de normas com respeito aos usos linguísticos. O pesquisador em sociolinguística William Labov estudou o fenômeno da variação entre grupos de falantes divididos segundo variáveis sociais, como sexo, idade, escolaridade, procedência, etnia, nível socioeconômico. A partir daí, iniciam-se os questionamentos acerca da sistematicidade da linguagem e a sua relação com os fatores sociais.

No que se refere às línguas de sinais, os estudos sociolinguísticos encontram um vasto campo de pesquisa e análise, pois estas têm seu reconhecimento social relativamente recente e estão inseridas em um contexto que subentende fenômenos diversos do que os observáveis na comparação entre línguas orais. Como ilustração dessa afirmação, pode-se citar o caso dos surdos sinalizantes, em que a consolidação de uma comunidade linguística é algo vivencial, que necessita da materialidade do “ver” para constituir-se.

Tendo em vista a distinção acima relatada, vêm à tona as discussões acerca das políticas linguísticas adotadas (ou não) por alguns países no sentido de proteger, de legitimar e de fomentar o desenvolvimento de uma língua que, do contrário, correria o risco de ficar à margem, tornando, por consequência, seus usuários marginalizados. Logo, as políticas linguísticas são formas institucionalizadas que partem de decisões do poder para influir no uso da língua de um grupo ou de uma comunidade linguística.

Segundo Quadros (2012), são manifestações de políticas linguísticas: o planejamento linguístico (organização de *corpus* e comprovação do *status* linguístico), intervenções na forma e na estrutura da língua (para que assim possam equipará-las, desempenhando seu papel em um contexto determinado), normalização (intervenções perante a elaboração e fixação de normas linguísticas, sejam gramaticais, sejam léxicas, sejam ortográficas), padronização ou standardização –

estabelecimento de uma norma *standard* (TAYLOR, 1911). Normalmente, uma língua é falada/sinalizada de maneira diferente por toda a extensão do território, elegendo modelos linguísticos a seguir em contextos de uso, modernização (aceitação e incorporação de novas formas de uso da língua) e representação gráfica (criação ou manutenção dos registros escritos da língua).

#### 2.4. Variação linguística em Libras

Os estudos da Sociolinguística envolvem, principalmente, a reflexão sobre o desenvolvimento e os diferentes usos da língua e da linguagem humana, considerando o fluxo contínuo e ininterrupto no qual os seres humanos se apropriam e se utilizam das possibilidades comunicativas e reflexivas que estão ligadas a essa área do conhecimento.

Nesse sentido, investigar o uso de uma língua é também investigar a enorme variação linguística que decorre do seu uso particular (cada indivíduo tem uma forma peculiar de apropriar-se e de utilizar-se da língua), bem como do uso coletivo, social dessa língua. Como o uso difere na dimensão individual e na dimensão coletiva, muitos são os fatores que influenciam nas mudanças e variações observáveis em uma língua viva: classe social, faixa etária dos usuários (crianças, jovens, idosos), gênero, o contexto social de uso da língua, religião, minorias, entre outros.

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar uma variedade linguística equivale a denegrir e a condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes – é preciso mostrar, em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto a sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece a seus falantes; também é preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se ela existisse apenas nos meios rurais ou menos escolarizados, como se também não houvesse variação (e mudança) linguística entre as falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarizados, inclusive nos gêneros escritos mais monitorados (BAGNO, 2013, p. 16).

A variação linguística em Libras é um assunto muito complexo e apresenta diversas questões que devem ser analisadas. Compreender sobre as variações linguísticas da língua de sinais requer uma visão histórica sobre os surdos enquanto minoria linguística, já que a Libras é uma língua de resistência da comunidade surda.

Atualmente, a Libras tem *status* de língua, mas mesmo antes desse reconhecimento positivado é necessária certa acuidade para verificar as mudanças linguísticas, seu regionalismo e

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n.7, p.41-65, 2018.

suas variações. Esse processo histórico tem que ser visto tanto da perspectiva temporal, quanto da perspectiva espacial, já que tempo e espaço são variáveis para uma língua. A urbanização, o espaço rural, os guetos surdos, os espaços de socialização, todos esses contextos são determinantes para se analisarem as variações em Libras.

As variações linguísticas em Libras acontecem, como em todas as línguas, de forma natural, quando seus usuários entram em contato com outras formas de sinalização e fazem com que o repertório de sinais fique mais diversificado. Essa variação tem, como mencionado, influência de vários fatores. O fato de a Libras estar presente em um país onde a maioria das pessoas usam a língua portuguesa e esta língua circular em todos os espaços, faz com que o contato do sujeito surdo com a língua portuguesa interfira também em suas produções.

Nesse aspecto, observa-se que toda a variação linguística deve ser respeitada, tratada como um fenômeno natural dentro da língua, já que esse processo ocorre de forma natural e é atrelado à história que a língua traz consigo. Os novos sinais, ou sinais diferentes daquele habitual de uma determinada região, trazem a riqueza da língua, permitem que se partilhem experiências e conceitos que partem de pontos de vista diferentes para um dado sinal que embora diferente em sua forma possua um mesmo significado.

A comunidade surda é de grande importância para a socialização da língua e cultura, das experiências e forma de estar no mundo. A língua é atrelada à cultura. Strobel (2009) apresenta características da cultura surda e a língua é um fator de elo, pois a língua de sinais é uma das principais marcas de identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda. A interação na comunidade surda produz mais sobre a língua, estabelece um fortalecimento de identidades compartilhadas lutando assim pelo resgate da sua língua e de tudo que foi negado historicamente aos surdos.

## **2.5. Variação querológica**

Os estudos linguísticos direcionados para a Língua de Sinais começaram a ganhar força a partir de Stokoe que, através de seus estudos, pôde comprovar com a Querologia que a Língua de Sinais possui seus próprios parâmetros e que não deveria ser comparada às Línguas Orais, visto que ela possui estrutura própria. Os parâmetros desenvolvidos por Stokoe foram ganhando mais

elementos enquanto a área da linguística dentro da Língua de Sinais foi ganhando mais força e mais estudiosos da área começaram a produzir mais trabalhos direcionados a estes estudos.

Assim, a variação querológica traz algumas características específicas como: 1) sintonização da sinalização do locutor com o interlocutor (escolhas lexicais, forma de sinalização); 2) convenção de sinais, acordos no uso de vocabulários ainda não convencionados; 3) simultaneidade na sinalização e intensificador; 4) contexto de comunicação; 5) indivíduo nativo (produção natural) ou não; 6) variável social (classe social, idade, escolarização, profissão); 7) variável no grau de formalidade (registro formal ou informal). Por estes motivos são incluídos os classificadores em língua de sinais.

As variações ocorrerão de acordo com o ambiente em que este indivíduo está inserido, além do repertório linguístico que ele adquiriu durante a aquisição da linguagem. A variação linguística ocorre tanto com uma pequena mudança<sup>6</sup> na execução do sinal como com uma grande modificação na execução, podendo ser retirada a simetria do sinal ou até mesmo tirando algum parâmetro na execução. O mais importante dentro desta construção, por mais que existam variações querológicas, é que a mensagem que está sendo passada seja recebida e entendida de maneira clara e coesa.

### 3. METODOLOGIA DA PESQUISA

O procedimento da pesquisa se deu da seguinte maneira: a primeira etapa considera os pressupostos metodológicos, a segunda etapa mostra como foi efetuada a seleção dos vídeos do curso de Letras Libras de 2006 e os vídeos do Youtube, bem como o perfil dos sujeitos atores-tradutores escolhidos para este estudo; a terceira etapa demonstra o trabalho de anotação dos sinais feito com auxílio do programa ELAN e, por fim, o *corpus* selecionado.

Nesta investigação, a variação é entendida como diferentes realizações de um mesmo sinal no que concerne aos parâmetros que constituem esse sinal. Assim, seguindo os estudos linguísticos de Xavier (2006; 2014), assume-se que um sinal pode variar intersujeito e intrassujeito<sup>7</sup> quanto a

---

<sup>6</sup> Labov (2008) define variação linguística formas alternativas de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade. Desse modo, a mudança linguística ocorre quando nesse processo de luta entre duas ou mais formas, uma forma se torna obsoleta.

<sup>7</sup> Ressaltando que esta composição sofre de variabilidade intra e intersujeito presente nos dados, conforme o estilo utilizado e a taxa de elocução (lenta normal, rápida) (MORAES, 2006).  
Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n.7, p.41-65, 2018.

realizações distintas de: (i) configuração de mão; (ii) localização; (iii) movimento; (iv) orientação; (v) número de mãos e (vi) marcações não manuais.

A fim de poder identificar se há variação na realização dos sinais no material das videoaulas do curso de Letras Libras da UFSC, Instituição Federal selecionada, optou-se por fazer o recorte da pesquisa por sujeitos, focando a análise nos textos sinalizados por dois atores-tradutores surdos.

A sinalização dos atores-tradutores surdos foi observada e comparada, tanto entre os diferentes sujeitos, isto é, na diferença das respostas intersujeito (diferenças individuais) quanto entre os diferentes momentos de sinalização do mesmo sujeito, isto é intrassujeito (diferença nas respostas de um mesmo indivíduo, em situações diferentes). Foram coletados apenas os sinais produzidos de modo diverso nestas situações.

Para considerar essas diferentes realizações como formas variantes de um mesmo sinal, recorreu-se à entrada léxica do referido sinal no Dicionário Ilustrado Trilíngue da Libras (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2006), sem, portanto, considerar o registro no dicionário como “padrão” e a variação como “desvio”.

A identificação dos sinais variantes é uma etapa muito importante para levantar hipóteses sobre a motivação da variação percebida nas sinalizações. Para tanto, a pesquisa procedeu, primeiramente, ao estudo da bibliografia sobre diferentes tipos de variação linguística na Libras. Entre os diferentes tipos de variação apontados em pesquisas anteriores, aqui, aprofunda-se a questão da variação querológica, entendida como uma forma de variação que não implica mudança de significado. Assim, busca-se identificar as variações apresentadas no uso dos sinais, no *corpus*, tomados para análise, categorizando-as como um tipo específico de variação linguística, variação querológica, que não implica nuance de significado.

As análises propostas baseiam-se, portanto, nos vídeos produzidos pelos atores-tradutores surdos do Curso de Letras Libras da UFSC e vídeos do Youtube, com produções espontâneas desses surdos. Foram escolhidos sinais específicos como objetos de análise, uma vez que eles conseguem apresentar a língua de uma forma mais direcionada ao fim que se pretende (atingir os discentes do curso como público-alvo no caso dos materiais de aula traduzidos, e os espectadores *on-line*, no caso do Youtube), percebendo-se, assim, os tipos de variação presentes.

Utilizando os vídeos como objeto de análise, não há grandes perdas da essência da língua e da forma como ela é articulada durante a enunciação autêntica, assim, tais objetos podem ser comparados e podem ser extraídos os sinais que se categorizem como variação no seu respectivo

contexto. Isso só é possível com objetos similares que registrem a língua em seu uso, diferente de dicionários impressos que se referem à forma de citação, descontextualizada, e não possibilitam visualizar a língua em sua percepção espaço-visual, dentro do contexto de um diálogo, por exemplo.

#### 4. ANÁLISE DOS DADOS

Ao se analisar a constituição e a evolução dos sinais verificou-se que estão presentes as variações e, dependendo do contexto que ocupam, encontram-se alguns fenômenos recorrentes que são responsáveis por um grande número de variações queréticas/querológicas, tais como a mudança, redução, duplicação e omissão.

No idioleto, a pessoa possui uma produção de variação particular, cultural, refere-se a um determinado modo de sinalizar, inerente de cada indivíduo. São características próprias para efetuar seu registro. Por exemplo: mudança querética das formas de configuração de mão em “1” mudança para “L”; movimento de “LENTO” mudança para “RÁPIDO”; ponto de articulação “TESTA” mudança para “BOCHECHA”; expressão facial “COM BOCHECHAS INFLADAS” mudança para “SEM” e “COM BOCA SEMIABERTA”; orientação do braço “HORIZONTAL DISTENDIDO” mudança para “CURTO HORIZONTAL DISTENDIDO”.

A mudança para menos complexa, quando ocorre a economia linguística, trata da mudança econômica das formas dos parâmetros em CMs, por exemplo, se há a simetria, o mesmo sinal pode ocorrer só com uma mão, daí há omissão; se o movimento ocorre duas vezes, pode ocorrer uma única vez; se o parâmetro PA ocorre na parte superior do braço, com a mudança da economia, passa para parte de baixo do braço; a orientação horizontal para cima, mais longe, pode ocorrer com a orientação horizontal para cima, mais curta.

Com relação à mudança de registro, que pode ser formal ou informal, existem produções com variedades diferentes de estilos de linguagem e de estilos de prosa.

Por exemplo, as mudanças querológicas das formas do parâmetro de CM em “S”, “A” e “O” são semelhantes, bem como a locação de um sinal na “testa” ou “bochecha”; ou ainda o movimento com mão e braço em curvas, pode ser ondulatório, para direita, para esquerda, para baixo, para cima, para dentro, para frente ou para trás, todas essas são mudanças curtas, relaxadas e rápidas, não mudam o sentido do sinal; ao dobrar as mãos pelo pulso e girar pode ocorrer a variação, sem girar

ou ao girar com menos movimento; ao se modificar a intensidade do movimento, a velocidade ou a frequência pode ocorrer mudança de redução do sinal, entre outras formas de variação.

#### 4.1. Idioleto

O idioleto identifica a fala de cada usuário da língua, sua língua única, a maneira e o sentido por ele expresso. Assim, ao se produzir uma mudança, uma variação querética da estrutura do léxico, produz-se uma mudança natural de elementos linguísticos. Segundo Labov (1972), são marcas pessoais da fala, traços linguísticos e variações particulares de uma pessoa, que se relacionam com o seu gênero e *status* social.

Uma pessoa pode ter diversas variantes dialetais em seu repertório e mudar de uma para outra quando lhe for conveniente ou de acordo com o contexto/interlocutor. Do ponto de vista sociolinguístico, é importante reconhecer a competência linguística do falante para os usos diferenciados que podem fazer da língua (LYONS, 1987).

Foram encontrados quatro sinais considerados com variação idioletal, são eles: POR QUE, ESTUDAR, EXEMPLO e OLHAR. Aqui, por questões inerentes ao gênero artigo, analisaremos apenas o sinal ESTUDAR, em que se observa que a variante utilizada por todos os sinalizantes, para diferentes usos, foi o idioleto, visto que há marcas pessoais, variações linguísticas particulares da fala de cada sujeito, que em cada caso observado serve para dar um melhor entendimento do que está sendo dito.

Figura 01

VIDEOAULA	YOUTUBE
<p><b>1. ESTUDAR QUE ESTUDAR</b> F-O-N-É-T-I-C-A (DEIXIS) OUTRO F-O-N-O-L-O-G-I-A..</p>	<p><b>2. PRÁTICA NA HORA</b> <b>ESTUDAR</b> VOU ENSINAR MAIS...</p>
	
<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia - <b>1 Edição</b> Tempo: 00'25'' Outro exemplos: 09'00'', 11'28''...</p>	<p>Fonte: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=Ue9HV7Oru8U">https://www.youtube.com/watch?v=Ue9HV7Oru8U</a> Tempo: 02'49''</p>

**Fonte:** Elaborado pela autora

No processo de variação idioletal retratado acima, os dois casos apresentam a realização do sinal executado com as duas mãos atuantes na forma aberta, incluindo o dedo distendido aberto e polegares abertos, inclinados para dentro e dedos inclinados para os alunos, batendo duas vezes o dorso dos dedos direitos, sobre a palma dos dedos esquerdos.

Assim, o sinal ESTUDAR também sofre alteração em sua CM no ato de fala do tradutor analisado, como podemos observar na imagem à direita da tabela: o mesmo é realizado na altura da boca. Nesse contexto, as variáveis constitutivas de individualização do sujeito são evidentes, visto que, as diferenças de realização do sinal são mínimas (pouca mudança querética) e muitas vezes inconscientes, configurando-se como uma variação livre do sinal.

#### **4.2. Mudança de Registro (Formal e Informal)**

As variações estilísticas ou diafásicas são as que ocorrem de acordo as circunstâncias de comunicação que o indivíduo vivencia em determinado contexto, assim as variações podem ocorrer devido aos níveis de fala/registro, formal ou informal, de acordo com características ligadas à situação, como ambiente, tema, estado emocional, grau de intimidade e os receptores da mensagem.

A variação informal ocorre quando há uma despreocupação do sinalizante quanto ao uso das normas gramaticais e na formal há uma grande preocupação com normas gramaticais, utilização de vocabulário rico e diversificado.

A Libras pode ser usada em ambientes formais e informais, dependendo do contexto em que o sinalizante se encontra ou de acordo com a necessidade da fala, assim as variações estarão sempre presentes.

Nessa categoria, observa-se o grau do (auto-)monitoramento, em produções com os mesmos indivíduos e identificam-se os dois estilos: o informal, onde o sinalizante está mais solto e relaxado, tomando um caráter mais íntimo, dependendo do ambiente; e o formal, onde antes se prepara o conteúdo a ser ministrado, mais elaborado e complexo de acordo com a regra padrão e escolhem-se as variedades lexicais. Pode ainda ocorrer uma mudança de parâmetros de estilos.

Observa-se, a seguir, uma análise do sinal NÃO PODER, com variação querológica, identificado com mudança de registro de acordo com os parâmetros.

Figura 02:

VIDEOAULA	YOUTUBE
1. JUNTO SEMPRE <u>NÃO PODE</u> “C” “V” SEPARAR NÃO PODE..	2. DEIXA ASSIM <u>NÃO PODE</u> COMPARAR OUTRO <u>NÃO</u> <u>PODE SISTEMA</u>
	
Fonte: DVD Fonética e Fonologia – 1 Edição Tempo: 47’37” Outra exemplos: 49’53”, 51’15” 2 Edição Tempo: 09’06”	Fonte: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=HSBmxjA1bFY">https://www.youtube.com/watch?v=HSBmxjA1bFY</a> Tempo: 3’25”

**Fonte:** Elaborado pela autora

No processo retratado na tabela, os sinalizantes alteraram a configuração de mãos na realização do sinal. Os registros em língua de sinais dos materiais analisados (videoaulas e vídeos do Youtube) apresentaram variação. A sinalização de “NÃO PODER” foi executada com mudança na configuração de mão, ou seja, mão aberta com saliência no polegar, que reincidiu no nível formal e informal, o sinal “NÃO PODER” aqui é executado diferentemente do sinal que é tido como padrão, conforme alguns manuais e dicionários de língua de sinais. O sinal em questão teve uma incidência do dedo polegar solto. O sinal que é apresentado como formal, ou que compõe os dicionários de língua de sinais, segue a CM<sup>8</sup>.

Assim, têm-se que a variação linguística aqui apresentada é a de mudança de registro do formal para o registro informal, ao sinalizar “NÃO PODER” têm-se duas palavras em português e apenas um sinal correspondente em Libras, apresentado com expressão facial, de maneira mais informal.

O sinalizante, dependendo da expressão facial, em caso negativo, por exemplo, só muda a CM com o polegar aberto, a motivação variante do sinal pode ser identificada pelo fato de serem realizados da mesma maneira em ambos os materiais analisados, nas videoaulas e nos vídeos do Youtube, pois o sinalizante realiza o sinal alterando a querética da configuração de mão, feita relaxadamente.

---

<sup>8</sup> CM: 

Como se pôde observar, há variantes queréticas/querológicas, sobre as quais a pesquisa da língua por meio dos tipos de variação se faz necessária, bem como a classificação dos tipos de variação aliada à sociolinguística e à variação da tradução, aos estudos de querologia, como é o caso das variantes formal e informal.

## **5. RESULTADOS DA PESQUISA**

Como a língua nasce com cada povo e a sociedade é a expressão da língua natural, cada descoberta de novas línguas, novas comunidades sinalizantes, cada uma com suas variantes específicas, deve ser respeitada. Com o aumento da tecnologia de comunicação e gravação em vídeo, essas línguas se tornaram públicas, bem como seus materiais de registro, como é o caso da Libras, com seus dicionários e vídeos públicos.

Entretanto, os sinais registrados pelos dicionários, materiais públicos e ilustrados, são rotulados, possuem apenas um registro formal da língua. Não são consideradas as expressões variantes e o contexto em que as palavras são expressas. Servem para ajudar nos sinais cuja realização difere do sinal registrado no próprio dicionário, diferentemente das expressões naturais da língua, trata apenas de algumas variantes específicas.

Assim, foram utilizados termos específicos do dicionário em Libras para traçar a estratégia adotada para identificar os sinais que serviriam de comparação, selecionando-se os mesmos termos presentes nas videoaulas da UFSC e nos vídeos do Youtube, onde são consideradas e analisadas suas variantes.

Desta forma, as diferentes realizações querológicas selecionadas para esta análise têm como critério de escolha o fato comum de se manifestarem de modo diverso daquele descrito pelo dicionário, visto que este registra o sinal fora de contexto e com apenas uma variante específica, trata-se de um registro base e, muitas vezes, artificial da língua.

Ao analisar os idioletos, observou-se que o mesmo sinal é feito com diferentes variantes para facilitar a compreensão. Na variação econômica e na variação de registro informal e formal, têm-se quantidades de sinais com omissão de uma das mãos, duplicação de mão, mudanças de configuração de mão, de movimento, de locação, orientação e expressão facial, uma expressiva constatação da variação existente na realização dos sinais.

Sendo assim, essa pesquisa contribui para que se possa verificar as possíveis variações e mudanças linguísticas que ocorrem na Libras. Mudanças linguísticas podem ter um processo cíclico de alternância de um dado sinal, podendo este assumir um uso maior entre os tradutores/intérpretes ou ser substituído por um sinal mais novo, embora como dito, é possível essa alternância no uso dos sinais, sendo o neologismo também um fato recorrente nas línguas de sinais, como por exemplo, o sinal ALUNO, que antes era representado pelos sinais PESSOA+ESTUDAR, e hoje possui um sinal próprio, que é realizado no braço, próximo ao ombro, com a configuração de mão em A.

Procedendo de toda a análise registrada neste trabalho, observa-se a importância da construção de um registro das variações em Língua de Sinais, aproveitando o conhecimento das variações regional, social, histórica, geográfica, situacional, pois quando analisados os dicionários gráficos que já são disponibilizados para os usuários da língua, é possível observar o intuito de padronizar a Língua de Sinais, porém, como já exemplificado e estudado, seria um erro deixar de fora as variações que a língua sofre em seus âmbitos regionais na qual ela é empregada.

Dentro dessas categorias verificam-se variações que são realizadas pelo emissor, sendo linguísticas ou lexicais. As duas possuem relação, mas operam com características diferentes.

Quanto às contribuições deste estudo à descrição da Libras na condição de sistema linguístico, é possível afirmar que este artigo se constitui como base para o fortalecimento da compreensão do *status* linguístico da Libras, visto que este trabalho explicita que a evolução da língua e o avanço nos estudos sobre essa língua se retroalimentam.

Pelo recorte do objeto alvo, é possível perceber que a disseminação da língua e seu uso em diferentes contextos sociais foram aspectos impulsionados pela pesquisa acerca da constituição das línguas de sinais. O fortalecimento da compreensão do *status* linguístico da Libras se associa à possibilidade de conscientização dos seus usuários acerca de suas diferentes formas de realização, evitando, assim, a prática do preconceito linguístico na comunidade surda, na medida em que fomenta o entendimento de que há um princípio não aleatório em relação às diferenças observáveis no uso da Língua de Sinais, inclusive no que concerne ao registro formal, implicando que essas diferenças sejam aceitas e reconhecidas como aspectos de valorização da língua porque mostram que ela apresenta uma história evolutiva.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve como campo investigatório a área da Linguística, analisando as variações queréticas/querológicas em Libras, tomando como objeto de estudo as produções de atores/tradutores surdos em vídeos acadêmicos e espontâneos.

Ao tomar essas sinalizações como a base da averiguação, foram percebidos detalhes em suas diferentes formas de enunciação que correspondem a uma gama de questões que instigam a refletir sobre a variação linguística em Libras. A condição humana e os fatores externos contribuem para que a língua seja plural em sua forma de subjetivação, já que, no plano da variação, os fatores históricos, regionais, contextuais, emocionais e etc., influenciam diretamente na sinalização.

A variação linguística é um fenômeno importante para a história da Língua de Sinais, constitui um fator que contribui para a evolução da língua. Reconhecer, portanto, que a variação compete como uma característica importante da formação do sujeito é, em síntese, um reconhecimento dos próprios sujeitos na relação com sua Língua de Sinais, com o seu grupo de convívio, com as diversas faixas etárias com as quais esse sujeito interage e apreende a língua, e é onde ocorrem as mudanças que incessantemente vão transformando a língua.

O Brasil se caracteriza pela forte união da comunidade surda e por ter intrínseca a sua cultura e o hábito de troca de informações e experiências. Com a falta de circulação da Língua de Sinais de forma ampla na sociedade em geral, cabe aos surdos essa tarefa de compartilhar seus saberes, e com isso ampliar seus horizontes linguísticos.

A possibilidade dos registros da língua para acompanhar o seu desenvolvimento e entender sua variação é, portanto, fundamental. Assim pode-se desvendar e compreender o funcionamento da Libras com base na sua história e nas suas especificidades. Pois, quanto maior o conhecimento, maior será a confiança na língua e o respeito por esta.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AVELAR, Thaís Fleury. **A Questão da padronização linguística de sinais nos atores-tradutores surdos do Curso de Letras-Libras da UFSC**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, 2009.

BATTISON, R. Phonological Deletion in American Sign Language. In: **Sign Language Studies**, 1974.

BERGER, P. L.; BERGER, B. **O que é uma instituição social?** In: M. M. Foracchi/J. Martins (orgs.). *Sociologia e sociedade. Leituras de introdução à sociologia.* Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 193-199, 1977.

BRITO, L. F. *Língua Brasileira de Sinais - Libras.* In: \_\_\_\_\_ et al. (Org.). **Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental/vol.III:** Língua Brasileira de Sinais. Brasília: MEC/SEESP, 1998. (Série Atualidades Pedagógicas).

CAPOVILLA, Fernando C.; RAPHAEL, Walkiria D.; **Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira.** 3. ed.São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2 v., 2006.

FELIPE, T. A. **Escola Inclusiva e os direitos linguísticos dos Surdos.** Rio de Janeiro: Revista Espaço – INES, 1997.

FERREIRA, B. L. **Por uma gramática da língua de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FRIEDMAN, L. **On The Hand.** New York: Academic, 1977.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LYONS, John. **Lingua(gem) e lingüística.** Tradução de Marilda Winkler Averbug, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MORAES, Augusta de Magalhães Carvalho de. **A criança e o ritmo em português brasileiro: análise fonética dos dados de encontro acentual.** 2006.94f. Dissertação (mestrado em linguística). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 2006.

QUADROS, Ronice ; SOUZA, Saulo. Aspectos da Tradução/Encenação na Língua de Sinais Brasileira para um Ambiente virtual de Ensino: Práticas Tradutórias do Curso Letras Libras. In: QUADROS, Ronice (Org.). **Estudos Surdos III.** Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e fonologia do português.** São Paulo: Contexto, 2009.

SOUZA, Saulo Xavier. **Performances de tradução para a Língua Brasileira de sinas observadas no curso de Letras-Libras.** 2010. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

STOKOE, W. C. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. In: **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**. Vol. 10, No. 1. New York: Oxford University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. Sign Language Structure: outline of the visual communication systems of the american deaf. **Studies in Linguistic**, University of Buffalo, n. 8, 1960.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

TAYLOR, Frederick Winslow. **The Principles of Scientific Management**. Local: New York and London, Editora: Harper & Brothers, 1911.

UPHOFF, D. O caráter Institucional do uso do livro didático no ensino de língua estrangeira. **Revista Intercâmbio**, volume XVII, São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2008.

XAVIER, A. N. **Uma ou duas? Eis a questão!: Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras)**. 2014. 178f. Tese (Doutorado em linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

\_\_\_\_\_. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da Língua de Sinais Brasileira (LSB/Libras)**. 2006. 175 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2006.